

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA
EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA**

Gabriel Florencio de Jesus

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA: DO PONTO
DE VISTA DO PROFESSOR INDÍGENA QUE ENSINA MATEMÁTICA
EM UMA ESCOLA INDÍGENA**

Belo Horizonte

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA
EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA

Gabriel Florencio de Jesus

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA: DO PONTO
DE VISTA DO PROFESSOR INDÍGENA QUE ENSINA MATEMÁTICA
EM UMA ESCOLA INDÍGENA

Percurso Acadêmico apresentado no âmbito do Curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação em Matemática, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Ahmad Auarek

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Ilaine da Silva Campos

Belo Horizonte

2018

Percurso acadêmico intitulado AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA:
DO PONTO DE VISTA DO PROFESSOR INDÍGENA QUE ENSINA MATEMÁTICA EM
UMA ESCOLA INDÍGENA, de autoria de Gabriel Florencio de Jesus, para ser avaliado pela
banca examinadora constituída pelos seguintes integrantes:

Prof. Dr. Wagner Ahmad Auarek – Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof^a. Dr^a. Ilaine da Silva Campos – Coorientadora
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Gilson Matos
Indígena Pataxó
Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha

Prof. Dr. Célio Roberto Melillo
CEFET-MG

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, o sentimento que tenho é de dever cumprido. Sei que para chegar até aqui muitas lutas tive que enfrentar, todas de cabeça erguida e sem perder o objeto pelo qual eu luto, sem esquecer quem eu sou e qual meu propósito.

Foi um processo longo de várias viagens, módulos, períodos intermediários nas aldeias, ansiedades, angústias, alegrias, tristezas e satisfações. Muitas, muitas saudades daqueles que amamos e deixamos na aldeia.

Tenho agora a felicidade de poder AGRADECER a cada uma dessas pessoas que sentiram saudades, choraram, que compreenderam que o objetivo maior deveria ser alcançado.

Entendo que, não há conquista sem batalhas e não se batalha sozinho, sempre em equipe, em família.

Agradeço enormemente a minha família, por me apoiar em todas as fases dessa jornada. Em especial ao meu pai (in memorial) que sempre me acompanhou, com seus ensinamentos, broncas e honestidade, sempre sentindo sua presença ao meu lado, como sinto agora escrevendo esses agradecimentos.

Ainda agradeço a minha Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha e Escola Indígena Pataxó Juerana. Às minhas Aldeia Pataxó Juerana e Coroa Vermelha, Terra Indígena Coroa Vermelha.

À Universidade Federal de Minas Gerais, à Faculdade de Educação e ao Curso FIEI.

Agradeço a todos os professores e Técnicos do FIEI, ao Colegiado, às Lideranças Indígenas.

Em especial, meu carinhoso AGRADECIMENTO à Turma da habilitação em Matemática.

A todos que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho: aos professores e bolsistas do FIEI, ao orientador Wagner Auarek e co-orientadora Ilaine Campos.

Por fim, ao meu Grande Deus, que me deu forças para viver, superar desafios, saúde, sabedoria. Que me deu a oportunidade de dizer a todos:

MUITO OBRIGADO!!

Marakãyñã txarú txõg

Maracá bati aqui, awê

Lá na mata escuta, awê

Chegou Juerana, awê

Lá da mata bruta, awê

Marakãyñã txarú txõg, awê

Híguá uĩ ãbá mipây, awê

Mehexó Juerana, awê

Uĩ ãpú maturẽbá, awê

Autora: Anciã Olinda da Assunção, 85 anos

Tradução: Marcos Davi Florencio

Música criada para a especial participação da Aldeia Pataxó Juerana nos Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro, em 2017.

RESUMO

Esse trabalho discute como acontece a avaliação da aprendizagem em matemática na escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, no município de Santa Cruz Cabrália, estado da Bahia, do ponto de vista de dois professores indígenas que ensinam matemática no Ensino Fundamental II. Para o desenvolvimento do estudo, foram realizadas entrevistas com os professores, sujeitos desta pesquisa. Na análise, busquei entender como os dois professores realizam a avaliação da aprendizagem em matemática. A partir da análise das entrevistas, pude perceber que ao serem questionados sobre avaliação, os professores apontam tensões entre o modelo tradicional de avaliar (externo à escola indígena) e um possível (ainda não definido) modelo que seja consonante à proposta da escola. Diante dessas tensões, os professores desenvolvem formas singulares e híbridas para avaliar a aprendizagem dos seus alunos, colocando em questionamento o modelo tradicional, que não é próprio da cultura indígena, para dar destaque às características da nossa cultura, mas, ao mesmo tempo, não deixa de utilizar elementos que caracterizam uma forma tradicional de avaliar.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena; Avaliação da Aprendizagem; Professores Indígenas; Avaliação em matemática.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Vista aérea da Gleba A da Terra Indígena Coroa Vermelha	12
Figura 2: Fotos da escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (Sede)	15

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1: Trechos de um memorial em contínua construção	11
Capítulo 2: A escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha	15
Capítulo 3: Os professores entrevistados	19
Capítulo 4: Compreensões sobre avaliação da aprendizagem: no contexto deste estudo	23
Capítulo 5: Apresentação das entrevistas	29
5.1- Apresentação da entrevista: professor Heron	29
5.2- Apresentação da entrevista: professor Jeivaldo	34
Capítulo 6: Discussão e considerações finais	38
Referências	44
Apêndice 1: Roteiro que orientou as entrevistas	45

INTRODUÇÃO

Ao pensar em minha trajetória, identifico que comecei a ter um certo incômodo sobre como se efetiva o processo de avaliação da aprendizagem dos alunos no período que cursei o Magistério (não indígena), entre os anos de 2000 e 2003. Nesse curso, estudávamos muito sobre metodologias de ensino e aprendizagem, comportamentos dos alunos, dentre outros aspectos. Entretanto, não via um movimento que buscasse em nós estudantes, como futuros professores, discussões sobre metodologias para avaliar a aprendizagem dos alunos. Nesse período, eu já questionava sobre o que seria avaliar, pois já entendia que para o sucesso das práticas de ensino, no sentido de favorecer a aprendizagem dos alunos, era necessário haver uma relação coerente entre como se ensina e como se avalia. A motivação para estudar esse tema se tornou ainda mais forte quando já formado em Magistério, passei a atuar como professor.

A partir da inquietação sobre o tema avaliação e na condição de professor da escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, pude perceber a ausência entre nós, professores indígenas dessa escola, de discussões sobre possíveis metodologias avaliativas para nos apoiar na compreensão sobre a aprendizagem dos nossos alunos. Ao mesmo tempo, pelo fato desta instituição ser uma escola da rede municipal, estamos submetidos ao modelo de avaliação pensado para a escola não indígena que, em muitos aspectos, não contribui para a Educação Escolar Indígena. De outra maneira, a inquietação que me move no presente estudo foi também discutida por Brighenti (2017), que denuncia criticamente como o Sistema de Avaliação da Educação Básica não considera as particularidades das escolas indígenas, tendo esse autor o contexto das escolas indígenas em Santa Catarina avaliadas nos anos 2011 e 2013.

Nas minhas experiências como estudante do curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), na habilitação em Matemática, percebo que esse tema (avaliação da aprendizagem) tem sido presente, embora de maneira a compor outras discussões. Nas minhas experiências na condição estudante do FIEI, sou avaliado ao desenvolver as atividades e quando participo das aulas, nas diferentes disciplinas e por meio de diferentes metodologias adotadas pelos professores. Por vezes, sabemos que estamos sendo avaliados, mas nem sempre é dito de forma explícita para nós como estamos sendo avaliados. Nas experiências como professor, tenho que avaliar os meus alunos segundo os modelos que geralmente já são predeterminados pelas escolas.

Ao refletir sobre essas experiências, percebo que esse tema não tem sido central ou aprofundado nessas instâncias, nas quais sou professor ou estudante. Dessa forma, dedicar esse

espaço do meu percurso acadêmico para essa discussão parece ser interessante para apresentar contribuições para a Educação Escolar Indígena no que se refere a esse tema. Em específico, a escolha por professores que ensinam matemática se deve a minha formação enquanto estudante do FIEI, na habilitação em Matemática. Do meu ponto de vista, este percurso pode contribuir para problematizar sobre *o que significa, se é possível, se é importante e como avaliar a aprendizagem (em matemática) em escolas indígenas.*

Entendo que a avaliação pode se constituir como uma possibilidade de identificar elementos que norteiam a aprendizagem do aluno e os fatores que podem dificultar a aprendizagem deles. Neste trabalho, busco compreender como professores que ensinam matemática na escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha avaliam o aprendizado dos seus alunos na disciplina de matemática. Para o desenvolvimento deste estudo, entrevistei dois professores desta escola que ensinam matemática no Ensino Fundamental II. A pergunta que norteia a discussão no presente estudo é **“como professores indígenas que ensinam matemática em uma escola indígena avaliam a aprendizagem de seus alunos?”**

Ao pensar no tema *avaliação em uma escola indígena* e conhecendo a diversidade da Educação Escolar Indígena, melhor compreendida por mim a partir das experiências com minha turma no FIEI, que conta com estudantes de cinco povos indígenas (Pataxó, Pataxó Hã hã hã, Guarani, Maxacali e Xakriabá), compreendo que minha forma de pensar sobre avaliação pode não ser coerente para outras escolas indígenas. Portanto, cabe destacar que falo de um lugar específico, a escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, que traz em sua história as influências de um sistema dominador de educação escolar por parte do sistema nacional de educação do país. Essa escola, também, é diferente de outras escolas indígenas da própria etnia Pataxó e de outras etnias.

A escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (sede)¹ está localizada na maior comunidade urbana indígena da Bahia. Para mim, essa informação é muito importante, pois na condição de estudante do FIEI, percebo em sala de aula, nas discussões e interações como os colegas das diferentes regiões, aldeias e etnias que temos múltiplas escolas, com múltiplas demandas e especificidades nos diferentes contextos culturais indígenas. Mais que isso, ser uma escola localizada em uma aldeia urbana nos obriga a pensar a avaliação a partir de parâmetros que são

¹ Aspecto a ser explicado no capítulo de apresentação do contexto.

externos a nossa cultura, esses aspectos serão apresentados com mais detalhes ao longo do capítulo destinado ao contexto do estudo.

Este percurso foi organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, relato minha trajetória de vida, destacando aspectos que contribuem para justificar a escolha desse tema de estudo; no segundo capítulo, apresento a escola, o contexto desse estudo; no terceiro capítulo, apresento os sujeitos da pesquisa; no quarto capítulo, trago uma discussão sobre avaliação da aprendizagem e sua relação com a Educação Escolar Indígena; no quinto capítulo, apresento os dados das entrevistas com os professores, sujeitos deste estudo; por fim, no sexto capítulo, apresento uma discussão e as considerações finais.

CAPÍTULO 1: TRECHOS DE UM MEMORIAL EM CONTÍNUA CONSTRUÇÃO ...

Eu, Gabriel Florencio de Jesus, sou filho do indígena Pataxó Crispim Nicacio de Jesus (in memorial) e da indígena Pataxó Maria das Dores Florencio de Jesus, nasci na Fazenda São Benedito, em 1982, no município de Porto Seguro, na Bahia. Essa fazenda, área de minha família, anos depois irá se tornar a Aldeia Pataxó Juerana. Aos meus sete anos de idade, meus pais resolveram mudar da fazenda São Benedito para Coroa Vermelha, uma comunidade indígena em processo de demarcação como terra tradicional Pataxó (Artigo 231 da Constituição Federal de 1988)².

A aldeia Coroa Vermelha está localizada no município de Santa Cruz Cabralia, extremo sul da Bahia, 816 km distante de Salvador (capital da Bahia) e 17 km distante do centro de Porto Seguro. Em relação ao litoral da Bahia, fica na região denominada como Costa do Descobrimento. Essa aldeia fica na divisa entre os municípios de Porto Seguro e de Santa Cruz Cabralia.

Atualmente, a Terra Indígena Pataxó Coroa Vermelha é formada por quatro Glebas (A, B, C e D), com extensão territorial em dois municípios, Santa Cruz Cabralia e Porto Seguro. A Gleba A é a parte urbana com 77 hectares, a Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, no município de Santa Cruz Cabralia. A Gleba B é formada pela área de Preservação Ambiental, Aldeia Reserva Pataxó da Jaqueira, no município de Porto Seguro, com 827 hectares, e pela área agrícola, a Aldeia Agricultura, com 570 hectares, no município de Santa Cruz Cabralia. Essas duas Glebas já estão regularizadas, demarcadas e homologadas. A Gleba C ainda está em processo de regularização fundiária (Desapropriação por Interesse Social – Reserva Indígena), formada pelas Aldeias Juerana, no município de Porto Seguro, e Aldeia Aroeira, no município de Santa Cruz Cabralia. A Gleba D é formada pelas Aldeias Mirapé e Novos Guerreiros, ambas pertencentes ao município de Porto Seguro, e as Aldeias Nova Coroa e Txihí Kamaywrá, ambas pertencentes ao município de Santa Cruz Cabralia, ainda em processo de regularização Fundiárias (Terra Tradicional).

A imagem a seguir (Figura 1) mostra uma vista aérea da Aldeia Coroa Vermelha, a área demarcada em amarelo não faz parte da terra indígena.

² São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Figura 1: Vista aérea da Gleba A da Terra Indígena Coroa Vermelha



Fonte: Extraído do Google Maps em 09/2017 e adaptado pelo autor

Minha família sempre esteve ligada ao campo educacional. Meu pai foi liderança indígena e minha mãe é a atual Presidente do Conselho de Caciques e Cacique da Aldeia Pataxó Juerana. Desde criança, com idade próxima aos sete anos, fim dos anos de 1980, venho observando e acompanhando meus pais em reuniões de comunidade ou de escolas indígenas. Desde aquela época, já havia um movimento para se pensar a Educação Escolar Indígena de qualidade que valorizasse a cultura Pataxó sem deixar de proporcionar aos alunos indígenas experiências de outros contextos culturais ou científicos.

Minha vida escolar começou na escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, onde estudei da alfabetização até a 4ª série. Nesse período, a Educação Escolar Indígena ainda era de responsabilidade da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, as professoras eram as senhoras Ilza (in memorial) e Irene Maria, ambas servidoras da FUNAI. Após a conclusão da 4ª série, fui estudar em uma escola não indígena, escola Victorino da Purificação Figueiredo, que se localiza em uma área não indígena, em um distrito de Coroa Vermelha, pois na escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha não eram ofertadas as séries seguintes. Após a conclusão da 8ª série, entre os anos de 2000 e 2003, cursei o Magistério (não indígena), na escola municipal Professora Nair

Sambrano Bezerra, localizada no centro da cidade de Santa Cruz Cabralia. Em 2003, aconteceu minha formatura em Magistério.

Em relação a minha opção pelo Magistério, tive grande influência da minha família, pois, naquela época, minha mãe já era servidora pública, auxiliar de serviços gerais e merendeira. Além disso, sempre tivemos a presença constante dos nosso pais na escola. Atualmente, eu e meus irmãos estamos exercendo alguma atividade na Educação Escolar Indígena, como professores, colaboradores ou liderança indígena. Na época em que iniciei o curso de Magistério, eram ofertadas duas opções de curso: Administração Geral e Magistério. Sendo que no Magistério, a minha turma seria a última turma a ser formada no município.

Por alguns anos, exerci atividades na Administração Pública Municipal, em Santa Cruz Cabralia, e na Coordenação Local Técnica da FUNAI - CLT/FUNAI, em Porto Seguro. O exercício dessas funções, de alguma forma, dialogava com a Educação Escolar Indígena, visto que essas instituições são órgãos de controle social que asseguram junto aos povos indígenas seus direitos constitucionais, com uma ênfase maior sobre as demarcações de territórios indígenas, mas com uma relação de enfrentamento muito grande na promoção da saúde indígena e Educação Escolar Indígena.

Essas experiências proporcionaram para mim um aprendizado muito importante, quanto ao conhecimento das legislações e das políticas públicas para os povos indígenas. Isso faz com que hoje eu tenha familiaridade para falar com mais propriedade sobre essas políticas e os direitos indígenas previsto na Constituição Federal e em normativas, decretos, portarias.

Passado esse período na administração pública, no ano de 2017, retornei à escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha a partir de um processo seletivo municipal e tendo sido convocado pela escola, pois a demanda por mais profissionais nessa escola aumenta a cada ano devido à quantidade de alunos matriculados. Nesse ano, fui escalado para trabalhar com duas turmas: do Pré ao 5º Ano (turma multiseriada), na extensão Agricultura, e outra turma de 5º Ano, na sede, ambas com as disciplinas de Matemática, Português, Ciências, História, Geografia e Artes. Neste ano (2018), fiquei escalado para o Fundamental II, com as disciplinas de Matemática, Artes, Geografia e Ciências. É importante destacar que minha trajetória como professor dessa escola foi iniciada entre os anos de 2003 e 2005, antes do período que atuei na administração pública, período que trabalhei com a Educação de Jovens e Adultos.

Após um tempo de formado e de ter exercido várias funções em minha vida, percebi que já estava passando do tempo de ter uma graduação. Como tinha a ideia de retornar para a escola como professor, resolvi fazer o vestibular da UFMG. Optei por essa instituição por saber das boas reações e compromissos com a Educação Escolar Indígena na formação de educadores indígenas. Foi o meu primeiro vestibular e fui aprovado, fiquei muito feliz e minhas expectativas para o curso foram as melhores. Em 2014, começou uma nova etapa: eu, Gabriel Florencio de Jesus, estudante da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mais que uma etapa, trata-se de um compromisso ainda mais próximo e forte com a Educação Escolar Indígena.

Tudo que é novo causa um certo estranhamento, era a primeira vez em que eu estava saindo do meu território por muito tempo. Mais que isso, indo para uma cidade com um ritmo de muito corrido, com um trânsito muito intenso, com um cenário muito diferentes das cidades que já trabalhei no estado da Bahia, as pessoas também são diferentes em seu jeito de falar, as comidas e seu temperos têm sabores muito diferentes dos nossos. Enfim, estava em outro território.

Em sala de aula, posso afirmar que em vários momentos sinto-me em meu território, pois fico muito tranquilo para falar do meu povo Pataxó e suas lutas, suas problemáticas. Ao participar da luta pela Educação Escolar Indígena, sempre fico na ansiedade de poder falar algo, contar uma experiência em sala de aula ou até mesmo dizer dos enfrentamentos que temos em minha região pela luta ao direito à Educação Escolar Indígena. Ao estar inserido no contexto acadêmico, com uma equipe de professores, bolsistas e estudantes indígenas voltados à compreender os processos da Educação Escolar Indígena, considero importante destacar que obtive aprendizados importantes no sentido de fortalecer a nossa luta indígena.

Para desenvolver o trabalho do percurso acadêmico, voltei minhas atenções para as inquietações sobre a avaliação da aprendizagem. Nas aulas, nos trabalhos em grupos, estava sempre chamando a atenção e discutindo com os colegas sobre como avaliar o aprendizado dos alunos, pois considero que não é produtivo simplesmente planejar uma aula, uma intervenção, um projeto e não ter um espaço para avaliar todo o cenário envolvido e questionar sobre como avaliar cada experiência. Mais que isso, a escolha por esse tema já apresenta implicações ao pensar a minha atuação enquanto professor, percebo-me sempre questionando sobre como avaliar meus alunos quando estou planejando minhas ações na escola.

CAPÍTULO 2: A ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ COROA VERMELHA

Figura 2: Fotos da escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (Sede)



Fonte: Arquivo pessoal do autor

A escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha é vinculada ao sistema municipal de ensino de Santa Cruz Cabrália, tem sua sede na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, Gleba A, no Centro Cultural Pataxó, às margens da BR 367 - KM 06. A escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha é uma escola específica e diferenciada, voltada à valorização da cultura indígena Pataxó e à promoção de novos conhecimentos tradicionais e científicos. Atualmente, essa escola é composta por uma sede e cinco extensões, estas estão localizadas nas seguintes aldeias: Nova Coroa, Txihí Kamaywrá, Agricultura, Aroeira e Araticum. No ano de 2017, no global, tivemos um número de turmas superior a quarenta.

Esse formato em que se amplia a escola é justificado pelas dimensões territoriais, conforme já apresentado, a Terra Indígena Pataxó Coroa Vermelha está dividida em Glebas, ficando uma distante da outra. A estrutura física das extensões é bem diferente da realidade estrutural da sede. As extensões possuem uma estrutura mínima para funcionamento, limitando-se em geral a uma ou duas salas, banheiro e cozinha.

Ao criar as extensões, trata-se de uma conquista para nosso povo, também nos deparamos com outros problemas, dentre eles: manutenção dos contratos dos professores e auxiliares de serviços gerais; merenda escolar insuficiente; transporte escolar com problemas

de gestão, apesar de já terem as linhas específicas, os ônibus quebram frequentemente, no geral não são de bom estado de conservação e nem de manutenção; as extensões não se tornam escolas próprias por terem insuficientes números de alunos. Vivemos, portanto, nesse contínuo dilema para adaptar nossos espaços às demandas do nosso povo, nas extensões do nosso território.

Em 2017, constavam 1.020 alunos matriculados, em 43 turmas distribuídas entre a Educação Infantil, o Ensino Fundamental I e II e a Educação de Jovens e Adultos, sendo a maior escola do município em números de alunos. Ao considerar esses números, é importante destacar que lidamos diariamente com enormes dificuldades, que vão desde a manutenção dos prédios até a execução de programas e projetos de fortalecimento da cultura Pataxó, por falta de financiamentos.

A escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (sede) tem características peculiares em vários aspectos das demais escolas Indígenas Pataxó da região (Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro e Prado). Essa afirmação se sustenta pela localização da aldeia, trata-se de uma aldeia urbana e cercada pela força do turismo e comércio. Diante disso, enfrenta questões sociais semelhantes a de uma escola de um centro urbano: grande índice de violência, tráfico de drogas, entre outras questões.

A essa escola, coloca-se o desafio de continuar sendo diferenciada e específica e ainda ser capaz de preparar os estudantes para o cotidiano cultural, bem como para o urbano, para uma vida em uma sociedade cada vez mais exigente e tecnológica, tão fragilizada em seus valores culturais e ancestrais, e porque não dizer sociais, com crianças e jovens em situação de risco. Diante disso, a condição dessa escola torna os desafios para além de questões administrativas e pedagógicas, pois são recorrentes os casos de intervenções que a escola tem que fazer, casos que envolvem a segurança dos alunos. Além disso, ocorrem outras situações mais delicadas e sigilosas, em sua maioria essas ocorrências acontecem na sede. Com essas variáveis, as práticas da escola sofrem interferência direta das ações externas à escola e que, muitas delas, não são desejáveis no nosso cotidiano. Frequentemente, não conseguimos desenvolver atividades extraclasse, por falta de transporte ou de segurança dos professores e alunos.

Especificamente, na sede, entre as dificuldades que enfrentamos destacam-se a falta de: recursos para manutenção dos prédios, materiais de consumo e permanente, material de apoio aos professores, equipamentos eletrônicos e internet. Além disso, destaco a necessidade de

realização com maior frequência de capacitações para os professores. Nessas condições, o professor tem que lidar com uma comunidade escolar envolvida em um centro urbano com problemáticas sociais cada vez mais influentes na escola. Contudo, percebo que é notório a dedicação da unidade escolar em buscar constantemente soluções, que, no mínimo, diminuam os impactos externos dentro da escola. É importante dizer que os impactos aqui destacados não são somente do contexto da comunidade não indígena, mas também gerados pela própria comunidade, considerando que os tempos e espaços estão mudados.

Passo, a partir desde parágrafo, a apresentar a relação da escola com a comunidade, partindo da compreensão de que para nossa comunidade, a escola é comunitária. A escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha é muito presente na comunidade, participando dos movimentos indígenas, aberta a comunidade, flexionando sempre que necessário seu horário ou dia de funcionamento em virtude de alguma situação planejada e aquelas não esperada. Embora, muitas das vezes, fico a pensar se a comunidade hoje também é presente na escola como deveria ser. Em minha compreensão, a escola indígena é uma das maiores instituições de respeito e poder na comunidade. Trata-se de um espaço democrático e de pensar não só as problemáticas enfrentadas para a promoção da Educação Escolar Indígena, mas de refletir, discutir e planejar projetos ou ações além da escola.

O nosso Projeto Político Pedagógico (PPP) informa que a escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha (PPP, 2013) se estrutura a partir das seguintes características:

Comunitária: porque é conduzida pela Comunidade Indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções e seus princípios. Isto se refere tanto ao currículo quanto aos modos de administrá-la. Inclui liberdade de decisão quanto ao calendário escolar, à pedagogia, os objetivos, aos conteúdos, aos espaços e momentos utilizados para a educação escolarizada.

Intercultural: porque deve reconhecer e manter a diversidade cultural e linguística; promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior à outra; estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas diferentes, ainda que se reconheça que tais relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdades social e política.

Bilíngue/Multilíngue: porque as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, o pensamento e a prática religiosa, as representações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro.

Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngues em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muitos dos seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro de bilinguismo simbólico importante.

Específica/ Diferenciada: porque concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares de cada povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e orientação da escola não indígena. (PPP, 2013, p. 4)

Ainda de acordo com o nosso PPP, a escola se fundamenta nos seguintes pilares:

Visão: entre os povos indígenas, a educação se assenta em princípios que lhes são próprios, dentre os quais: uma visão de sociedade que transcende as relações entre os humanos e admite diversos “seres” e forças da natureza com os quais estabelecem relações de cooperação e intercambio a fim de adquirir e assegurar determinadas qualidades: Solidariedade, justiça, responsabilidade, compromisso, limites, disciplina, respeito, com direito a liberdade e fraternidade. Assegurando ainda, habilidades para que o educando enfrente o mercado de trabalho com opiniões próprias respeitando as decisões de cada grupo social.

Missão: desenvolver noções próprias, culturalmente formuladas (portanto variáveis de uma sociedade indígena a outra) da pessoa humana e dos seus atributos, capacidades e qualidades; acreditando sempre na formação de crianças e jovens como processo integrado; apesar de suas inúmeras particularidades, uma característica comum às sociedades indígenas é que cada experiência cognitiva e afetiva carrega múltiplos significados – econômicos, técnicos, rituais, cosmológicos, garantindo a todos os educando a todos os alunos o acesso a um conjunto de conhecimentos.

Valores: procedimentos próprios de sociedades originalmente orais, menos marcadas por profundas desigualdades internas, mais articuladas pela obrigação da reciprocidade entre os grupos que as integram. Praticando sempre os conhecimentos dos direitos e deveres, acreditando no poder da educação e no potencial do educando. (PPP, 2013, p. 5 – 6)

No presente capítulo, apresentei informações sobre a escola que os professores entrevistados atuam. Esses serão apresentados no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3: OS PROFESSORES ENTREVISTADOS

Ao refletir sobre o meu interesse acerca do tema deste percurso, o caminho escolhido foi compreendê-lo a partir do ponto de vista do professor indígena que ensina matemática na escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Para isso, desenvolvi entrevistas (ROSA; ARNOLDI, 2006) com professores que no ano de 2017 atuaram na disciplina de matemática nas turmas de Ensino Fundamental II dessa escola. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Como os dados produzidos são oriundos de entrevistas, este estudo é de natureza qualitativa (FLICK, 2009). Para o desenvolvimento da entrevista, foi elaborado um roteiro (Apêndice I). Sobre entrevista, entendo que

não se trata de um simples diálogo, mas sim de uma discussão orientada para um objetivo definido, que através de um interrogatório, leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa. (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 17)

Nessa escola, no ano de 2017, contávamos com três professores que atuavam na disciplina de matemática no Ensino Fundamental II, mas apenas dois se mostraram receptivos a participarem da presente pesquisa. Considerando esse fato, desenvolvi entrevistas com esses dois professores indígenas: Heron Santana (entrevista realizada em 15-08-2017) e Jeivaldo da Silva (entrevista realizada em 18-09-2017).

O professor Heron Santana é indígena da etnia Pataxó, da aldeia Coroa Vermelha, e tem 24 anos de idade. Ele é formado na Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, na habilitação Letras, Artes e Literatura, pela UFMG e concluiu a graduação no ano de 2016. No momento da entrevista, o professor estava cursando uma pós-graduação na área de Educação Matemática.

Heron: Bom, meu nome é Heron, sou da comunidade, da aldeia, sou Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha, tenho 24 anos.

Gabriel: A sua formação básica foi em escola indígena ou não indígena?

Heron: A minha formação foi em escola indígena, a básica, desde a alfabetização daquela época até o 1º ano do Ensino Médio, depois devido não ter na comunidade é ... O Ensino Médio diurno, só tinha noturno, meus pais na época não permitiram eu estudar a noite ... eu tive que ir estudar em outro ... outra escola que não era indígena.

Gabriel: E quanto sua formação acadêmica, o curso, a instituição, graduação, pós-graduação?

Heron: Eu sou graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais, ... num curso específico, chamado curso Intercultural para Educadores Indígenas, minha habilitação é em Línguas, Artes e Literatura, é tem um ano, vai completar um ano ainda que eu estou ... recém-formado, no caso, e atualmente estou cursando uma pós-graduação extensão, porém só que em outra área que é na área que é matemática ... Educação Matemática.

Gabriel: Professor, relate sobre suas experiências na docência, se atuou, em quais níveis, escola indígena ou não indígena e em quais disciplinas?

Heron: Eu só trabalhei em escolas indígenas, nunca tive oportunidade, mas, acredito que interesse em trabalhar em outra escola, ... eu trabalhei na Escola Indígena Pataxó de Mata de Medonha, durante um ano e meio e depois eu sair e vim atuar na Escola Pataxó de Coroa Vermelha.

Apesar de ser licenciado com habilitação em Letras Artes e Literatura, o professor Heron foi escalado para atuar na disciplina de matemática, esse pode ser um dos fatores que o conduziu a iniciar uma especialização na área de Educação Matemática.

Gabriel: Professor, você falou da sua habilitação, mas tem algum motivo especial que não escolheu a habilitação em matemática?

Heron: Na realidade é a faculdade que eu estudei, ela abre por cursos e na época que eu podia fazer era somente essa habilitação que tinha, que era Línguas, Artes e Literatura. Por ano ela abre uma área, nesse ano que eu estava procurando algo para poder estudar foi essa que eu tive a oportunidade de fazer.

Gabriel: Havendo uma oportunidade, o senhor faria essa opção de se especializar na área de matemática?

Heron: Sim, porque eu acredito que é algo que tem faltado no meio da Educação, tem faltado profissionais na área da Educação. E o pessoal vê a matemática muito como um bicho de sete cabeças e com isso a comunidade tem perdido muito, né. A escola tem procurado profissionais na área da matemática e a gente tem sido escalado mesmo não sendo da nossa área, a gente tem sido escalada pra atuar nessa disciplina. Então, hoje como eu trabalho em sala de aula, vejo a necessidade de me habilitar em matemática, de ter essa extensão, eu faria sim. Também sempre tive esse interesse, nunca vi uma disciplina assim tão difícil que eu me identificasse mais né, pra mim sempre foi a mesma coisa todas as disciplinas.

Gabriel: Por que você escolheu ou foi escolhido para atuar na disciplina de matemática?

Heron: Acredito que foi pela necessidade da escola na época, não tinha na comunidade pessoas que pudessem substituir um professor aqui da escola, de matemática. Então, como eu vinha substituindo ele ... a direção resolveu dá essa oportunidade pra mim também tá mostrando meu trabalho.

O Professor Jeivaldo Silva Santos é indígena Pataxó, da Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, tem 40 anos de idade, sua formação básica não foi em escola indígena, formado em Técnico em Hotelaria, depois cursou Magistério. Licenciado em Pedagogia pela Universidade de Uberaba (UNIUBE) e pós-graduado em Educação Física Escolar pelo Instituto Brasileiro de Educação (IBE). No momento da entrevista, estava cursando a Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas da UFMG. O entrevistado tem 5 anos de licenciado em Pedagogia e 3 anos de pós-graduado em educação física.

Gabriel: Professor, inicialmente, gostaria de saber sua origem, se é indígena? Qual etnia e aldeia?

Jeivaldo: Sim, sou indígena, Pataxó, Aldeia Coroa Vermelha.

Gabriel: Qual sua idade?

Jeivaldo: 40 anos.

Gabriel: Professor, sua formação básica é na escola indígena?

Jeivaldo: Minha formação básica não indígena [não é em escola indígena].

Gabriel: Qual sua formação acadêmica?

Jeivaldo: Inicialmente, conclui o Ensino Médio em Técnico em Hotelaria, depois fiz o Magistério em escola pública. Tenho uma Licenciatura em Pedagogia pela UNIUBE, uma pós-graduação em Educação Física Escolar pelo Instituto Brasileiro de Educação (IBE).

Gabriel: E quanto tempo você tem de formado?

Jeivaldo: De licenciado, cinco anos, pós-graduação, 3 anos.

Em suas experiências como professor, Jeivaldo fala de sua afinidade com o ensino de matemática. Na entrevista, esse professor foi questionado sobre os motivos pelos quais ainda não tinha se dedicado à formação na área de matemática e se faria essa opção, pois ele tem sido escolhido para ensinar matemática em sua atuação como professor indígena. Ele me explicou que já tentou ingressar no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, na habilitação em matemática, mas por motivo de problemas na inscrição não foi possível prestar vestibular para essa habilitação.

Gabriel: Professor, por que você não escolheu uma a formação específica em Licenciatura em matemática? Faria essa opção?

Jeivaldo: Durante minha formação não tive nenhuma especialidade na área da matemática, mas desde meus estudos iniciais eu apresentava certas habilidades nesta área. [...]. Eu até que escolhi sim, mas devido alguns problemas de inscrição no vestibular não foi possível eu ingressar na licenciatura em matemática. Não sei se eu mudaria para a licenciatura de matemática, pois o curso que estou cursando, licenciatura em ciências, também me agrada muito, pode ser que eu faça o curso na área de matemática após o término.

Gabriel: Por que você escolheu ou foi escolhido para atuar na disciplina de matemática?

Jeivaldo: Em nossa escola há algumas diferenças, principalmente, na escolha dos professores para atuarem em certas disciplinas, eu mesmo sempre gostei de atuar nas disciplinas de ciências e educação física, mas devido a minhas habilidades na área da matemática, também gosto de atuar nesta área.

Meu propósito neste capítulo foi o de apresentar os professores, sujeitos deste estudo. Essa apresentação está condicionada aos dados que foram produzidos nas entrevistas. Além disso, entrando em contato com os estudos que discutem sobre avaliação, considerei fundamental relacionar a apresentação dos professores com as suas formações acadêmicas, demarcando que, do meu ponto de vista e apoiado em Pavanello e Nogueira (2006), considero que a formação vai influenciar na maneira como professor concebe avaliação em matemática.

Ao optar por destacar esses aspectos, explicitarei que há uma lacuna, ou a falta de equivalência, entre as áreas de formação acadêmica e as áreas de atuações na escola. Falta principalmente professores formados na área do ensino de matemática na escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Isso vem dialogar com a importância das instituições de ensino superior, no campo das formações interculturais para educadores indígenas, continuarem a promover ou ainda iniciar essa oferta de formação específica para os professores indígenas. Compreendo que ser licenciado em uma área e atuar em outra é aumentar o desafio do professor indígena, mesmo que apoiado em suas experiências, visto que cada área de ensino trata de situações diferenciadas. Embora, algumas orientações de metodologias podem ser adaptadas pelo professor.

CAPÍTULO 4: COMPREENSÕES SOBRE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: NO CONTEXTO DESTE ESTUDO

Na condição de professor da escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, sou direcionado a avaliar os estudantes conforme orientação já estabelecida na escola, que acontece da seguinte maneira: no processo de avaliação, o professor tem que atribuir três notas aos alunos, que são somadas e depois o resultado é dividido por três, isso se repete a cada unidade em um total de quatro unidades ao ano.

As atividades avaliativas ficam a critérios dos professores, ou seja, nós temos “liberdade” para elaborar as atividades avaliativas. Mas, entre as três avaliações, é necessário realizar uma prova escrita. Ao ingressar na escola, o professor já adota esses parâmetros para avaliar. Parece ser “natural” que o processo aconteça dessa forma, pois os próprios formulários de registro de notas, da Secretaria Municipal de Educação, já seguem esse modelo. Sobre as três avaliações são sugeridas: trabalhos de classe ou extraclasse com apresentação; teste individual, que poderá ser por consulta no caderno; avaliação escrita no final da unidade.

Do meu ponto de vista, não existe muita clareza por parte dos professores sobre a pertinência de adotar esse modelo. Também, não tenho conhecimento de problematizações entre nós (professores) que coloquem em questionamento a coerência de adotar em uma escola indígena um modelo de avaliação que embora nos possibilite certa abertura, também nos obriga a aplicar uma prova escrita que nem sempre corresponde às possibilidades de avaliar nossas atividades.

Durante o desenvolvimento deste percurso, questionei muito sobre a coerência ou incoerência desse modelo. Na fase de finalização, percebi que estava tentando entender como o professor indígena avalia dentro desse cenário. Desloquei-me, portanto, do lugar de quem buscava justificativas para a aceitação de um modelo de avaliar a aprendizagem que, a meu ver, não corresponde às minhas expectativas como professor indígena, para entender sobre como meus colegas professores avaliam em suas salas de aula dentro desse cenário, que, como falei anteriormente, é fortemente influenciado pela cultura não indígena. Então, busquei compreender o que nós (professores) fazemos para avaliar estando inseridos nesse cenário peculiar.

Foi nessa direção que consegui finalizar esse trabalho, ou melhor dizendo, consegui iniciar por meio desse percurso uma pesquisa sobre a temática avaliação a partir do olhar de professores indígenas que ensinam matemática na escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha.

Destaco que estou iniciando, pois foi somente ao chegar no momento da finalização deste trabalho que percebi o quanto posso me envolver com essa temática. Então, considero que só estou iniciando a discussão. Nos parágrafos que seguem, apresento compreensões sobre a temática a partir das referências consultadas para o desenvolvimento do estudo.

Inicialmente, comecei o estudo pelos documentos da escola: o Projeto Político Pedagógico (PPP) e a Proposta Curricular (PC) da escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Além disso, busquei entendimentos sobre a temática avaliação em estudos como Gatti (2003), Pavanello e Nogueira (2006) e Lopes e Muniz (2010).

O PPP da escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha foi elaborado destacando a necessidade de ter um documento que assegurasse um espaço de diálogo e possibilidades no processo de desenvolvimento das práticas educacionais, que dialogasse ainda com segmentos da comunidade, enfatizando um currículo específico, buscando compreender todo um contexto que envolve as discussões da Educação Escolar Indígena e as ações da comunidade.

Ao analisar o PPP, percebo que palavra avaliação é presente em diversos momentos do texto. Embora isso aconteça, não se trata de Avaliação da Aprendizagem, trata-se da avaliação das execuções das ações propostas pelo documento e da autonomia em avaliar quais conteúdos devem compor o plano de curso. Abaixo trecho da introdução do PPP:

A constituição de 1988 e a lei 9.242 nos Artigos 78/79 da LDB, garante aos povos indígenas o direito de estabelecerem formas particulares de organização escolar – como, por exemplo: um calendário próprio e que lhes assegurem autonomia no que se refere à criação, ao desenvolvimento e a **avaliação** dos conteúdos a serem incorporados em suas escolas. (PPP, 2013, p. 17, **grifo meu**).

As ações previstas no PPP são diversas, internas e externas a escola. Abaixo segue um trecho com algumas das ações que se relacionam à avaliação como consta nesse documento.

- Reunião periódica com a presença do Cacique e demais lideranças, Direção das Unidades Escolares, Conselho de Pais e Mestres e Conselho Disciplinar;
- Construção do calendário de Reuniões;
- Criação de Fichas para Avaliação Periódica da atuação dos segmentos da Comunidade e dos setores da Escola;
- Aplicação de um Simulado após o término de cada Unidade para verificar-se o rendimento e as dificuldades encontradas;
- Organizar e realizar um Seminário anual para avaliar o desempenho da Escola, no contexto da Educação Escolar Indígena;
- Criação das diretrizes da Avaliação Institucional, assim como a respectiva periodicidade;

- Criação dos critérios de Pré-seleção para atuação como Professor Substituto na Educação Escolar Indígena;
- Realização de Pré-seleção para atuação como Professor Substituto na Educação Escolar Indígena;
- Criar os critérios para a participação de educadores em Cursos de Formação. (PPP, 2013. p. 21).

A Proposta Curricular é um documento que está anexado ao PPP, neste documento estão mais explícitos os aspectos direcionados à avaliação da aprendizagem. De acordo com esse documento, o currículo é um instrumento que norteia, para a escola e para a comunidade, as práticas da Educação Escolar Indígena na Aldeia Pataxó Coroa Vermelha:

É o conjunto de ideias dos processos próprios da educação escolar indígena da comunidade Pataxó de Coroa Vermelha, que nortearão as ações e práticas pedagógicas vividas e formuladas pelos educadores junto aos educandos e comunidade, os conteúdos, à organização dos alunos e da instituição, o uso do tempo e espaço, a avaliação, as metas e os objetivos específicos considerados importantes para esta comunidade indígena. (PC, 2013, p. 2)

Segundo a proposta Curricular, a escola compreende que ainda não avançou muito, de modo a ter seu próprio modelo de avaliação, mas se mostra atenta a não usar um modelo de avaliação que favoreça a exclusão dos estudantes:

Ainda não avançamos muito, a ponto de criar métodos próprios de avaliação, mas temos consciência de que a avaliação classificatória exclui o aluno e não o permite uso de suas mais diversas inteligências. Pretendemos fazer o uso das mais diversas correntes de avaliação, que evite a exclusão. (PC, 2013, p. 16)

Nesse trecho citado acima, considero que a escola destaca certo “incômodo” acerca de como propõe avaliar a aprendizagem dos seus estudantes. Ao considerar que não avançou muito, parece existir certa “insegurança” quanto a coerência do que é proposto em relação à avaliação no âmbito desta escola. Para amenizar essa situação, é destacado no documento que a escola buscou se assegurar em documentos sobre a Educação Escolar Indígena ao mencionar que “mesmo fazendo uso de métodos já conhecidos e estabelecidos, estaremos sempre nos orientando pela Lei de Diretrizes e Bases, o referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas” (PC, 2013, p. 16).

A leitura da Proposta Curricular da escola me aponta a pertinência da discussão proposta neste trabalho, pois a temática avaliação não tem sido explicitamente foco de nossas discussões, mas já existe documentado o incômodo que essa temática nos provoca. Nesse documento, são

apresentadas orientações que podem ser adotadas pelos professores no processo de avaliação da aprendizagem:

Criando mecanismos que possibilite avaliar de acordo com a construção avaliação, será considerada a assiduidade, a participação objetiva, pertinente e sucinta nas atividades escolares. Serão utilizados também o mecanismo de autoavaliação, com critérios pré-estabelecidos pelo professor. (PC, 2013, p. 16).

Um aspecto que ganha destaque na discussão sobre avaliação nesse documento é a preocupação de o professor não cometer injustiças ao avaliar o aprendizado do estudante, causando uma exclusão do mesmo. Com essa preocupação, é proposto que o processo de avaliação do aprendizado aconteça em três momentos: inicial, contínuo e final.

- Inicial: função de diagnosticar, para conhecer e identificar valores, atitudes e conhecimentos prévios dos alunos;
- Contínuo: função de acompanhar o processo, reorientando a intervenção pedagógica, caso seja necessário;
- Final: objetivo de identificar os avanços alcançados e os aspectos a serem trabalhados em outros momentos.

Na Proposta Curricular, são indicados instrumentos de avaliação que nos apresenta caminhos a serem considerados nos momentos avaliativos: observação, registro, trabalhos/atividades e autoavaliação.

- Observação: ação diária e diagnóstica, composta por várias as atividades, individuais e coletivas, para que o professor conheça o estudante e seus avanços e dificuldades, possibilitando-o identificar e compreender as dificuldades do aluno.
- Registros: etapa em que o professor fará as anotações do desempenho do aluno, seu planejamento de trabalho em um diário de classe.
- Trabalhos/Atividades: o professor deve busca analisar e refletir sobre o processo de formação do estudante, com o olhar sobre os avanços, assim como refletir sobre suas práticas pedagógicas.
- Autoavaliação: é um momento que possibilita a reflexão e análise do aprendizado do aluno, com objetivo de proporcionar um reconhecimento de dificuldades, avanços e aprendizagens.

Do meu ponto de vista, a auto avaliação deveria também ser direcionada ao professor, não posso afirmar que o professor não realize uma auto avaliação, contudo como documento oficial que norteia a escola e as práticas pedagógicas, a Proposta Curricular deveria especificar a auto avaliação do professor, destacando seu papel para refletir sobre o processo de avaliação e o planejamento de suas práticas quando necessário.

Como destaquei acima, consulte estudos sobre avaliação que me ajudaram a fazer uma leitura mais atenta da Proposta Curricular da escola e a pensar como ler os dados que serão apresentados no próximo capítulo. Nos parágrafos abaixo, apresento alguns entendimentos.

Concordo com Gatti (2003) que defende que para ter sentido, a avaliação deve ser como uma filosofia de ensino:

Para ter sentido, a avaliação em sala de aula deve ser bem fundamentada quanto a uma filosofia de ensino que o professor espouse. A partir dessa premissa, o professor pode acumular dados sobre alguns tipos de atividades, provas, questões ou itens ao longo do seu trabalho, criando um acervo de referência para suas atividades de avaliação dentro de seu processo de ensino. (GATTI, 2003, p. 99)

Essa autora, destaca a importância da auto avaliação do professor, aspectos que mencionei como ausente na Proposta Curricular da escola, “ao avaliar seus alunos os professores estão avaliando a si mesmos, embora a maioria não tenha consciência disto ou admita isto. Ensino e aprendizagem são indissociáveis e a avaliação é intrínseca a esse processo (GATTI, 2003, p. 111).

Ainda de acordo com essa autora, a avaliação não deve ser uma etapa finalista, deve ser desenvolvida como parte do processo de ensino e aprendizagem:

que a avaliação não seja apenas finalista, mas, sim, incluída no processo de ensino e aprendizagem como meio para o autodesenvolvimento, tanto dos alunos em suas aprendizagens, quanto dos professores, como profissionais, em face das suas formas de ensinar. (GATTI, 2003, p. 102)

De acordo com Muniz e Santinho (2010), o processo de avaliação deve ser transparente, formativo, integral e democrático. Essa autora esclarecem que uma avaliação *transparente* é quando o desempenho do estudante fica evidente para ele, possibilitando-o ter a clara noção da proposta de trabalho do professor e os resultados que são considerados satisfatórios; uma avaliação *formativa* conscientiza o estudante sobre seu desempenho e possibilita refletir sobre

ele; uma avaliação *integral* vai além do desenvolvimento cognitivo, propicia também o desenvolvimento de outras capacidades, inclusive a autonomia pessoal; e uma avaliação *democrática* é quando são discutidos os acordos e combinados entre os envolvidos no processo avaliativo.

Pavanello e Nogueira (2006), por sua vez, apresentam relações entre diferentes formas de conceber a matemática e seu ensino e a maneira como o professor avalia em matemática. Esse estudo me ajudou a perceber que seria necessário entender como o professor indígena concebe a matemática a ser ensinada na escola indígena para entender sobre como ele avalia em matemática. No próximo capítulo, essa relação será presente quando apresentarei informações sobre a formação do professor para entender como ele vislumbra o ensino de matemática em uma escola indígena. Partindo dessas possíveis relações, é necessário deixar registrado que compartilho do incômodo presente na Proposta Curricular da escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, não é possível avaliar meus alunos em matemática como se avalia em uma escola que não é indígena, pois a minha forma de pensar a matemática não é semelhante ao que é presente nos livros didáticos das escolas não indígenas, por exemplo.

Nesse ponto, posso fazer uma relação com o estudo de Brighenti (2017), para esse autor a avaliação sem respeitar as particularidades da educação indígena é uma prática que valoriza a sobreposição dos conceitos universalizantes sobre as especificidades. Ele defende que “a criação de mecanismos próprios de avaliação é um desejo e uma reivindicação dos povos indígenas. Que os processos de avaliação ocorram no interior de cada escola, de cada povo” (BRIGHENTI, 2017, p. 402). Concordo com esse autor e penso que a partir deste trabalho, posso levar esse debate para a escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha de maneira a provocar reflexões para tomadas de decisões que venham definir novos horizontes para pensarmos na temática avaliação.

CAPÍTULO 5: APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo, apresentarei as entrevistas realizadas com o professor Heron e com o professor Jeivaldo. Para isso, a partir da leitura das transcrições das entrevistas, selecionei trechos que me dizem algo importante para compreender o objetivo proposto neste trabalho. Para a organização da apresentação das entrevistas, tomei como base os seguintes temas: formação e atuação como professor que ensina matemática; lembranças sobre a avaliação na disciplina de matemática na condição de estudante; compreensões sobre a relação entre avaliação e aprendizagem (na disciplina de matemática); aulas de matemática e metodologias utilizadas pelo professor; os aspectos considerados pelo professor para avaliar os estudantes; e, como o professor concebe a avaliação em uma escola indígena.

5.1- Apresentação da entrevista: professor Heron

Formação e atuação como professor que ensina matemática

Gabriel: Havendo uma oportunidade, o senhor faria a opção de se especializar na área da matemática?

Heron: Sim, porque eu acredito que é algo que tem faltado no meio da Educação, tem faltado profissionais na área da Educação. E o pessoal vê a matemática muito como um bicho de sete cabeças e com isso a comunidade tem perdido muito, né. A escola tem procurado profissionais na área da matemática e a gente tem sido escalado mesmo não sendo da nossa área, a gente tem sido escalado pra atuar nessa disciplina. Então, hoje como eu trabalho em sala de aula, vejo a necessidade de me habilitar em matemática, de ter essa extensão, eu faria sim. Também, sempre tive esse interesse, nunca vi uma disciplina assim tão difícil que eu me identificasse mais né, pra mim sempre foi a mesma coisa todas as disciplinas.

[...]

Gabriel: E hoje como que você se sente na condição de professor de matemática?

Heron: Eu me sinto um professor pesquisador né, toda minha, todo meu plano de curso é feito em conteúdos. Eu procuro sempre, antes, pesquisar metodologias, dicas de como resolver, curiosidades de como introduzir aquilo, adaptar também a nível da comunidade né, pra tá trazendo para os nossos alunos.

Lembranças sobre a avaliação na disciplina de matemática na condição de estudante

Gabriel: [...] o que você recorda das avaliações na disciplina matemática, a formação básica até a sua graduação?

Heron: Me recorde de diversas avaliações na verdade né, o professor chegava com aquele tanto de avaliações durante o ano letivo, entregava pra gente, a gente tinha que se virar e estudar bastante em casa pra poder ter um desempenho na disciplina de matemática.

Compreensões sobre a relação entre avaliação e aprendizagem (na disciplina de matemática)

Gabriel: Professor qual seu entendimento por aprendizagem?

Heron: Bom, eu acredito que aprendizagem é aquilo que é exposto na nossa vida e a gente tem de usar né, no nosso cotidiano a interpretar diversos enigmas que aparecem em nossa frente.

Gabriel: E quando essa aprendizagem é na disciplina de matemática?

Heron: Ela é usada basicamente nisso, na interpretação de...de situações, de problemas que é exposto pra gente né, como resolver, como solucionar tal problema, de que forma. Então, a matemática vem muito pra isso, pra poder ajudar a decifrar.

Gabriel: E o que você entende por avaliação da aprendizagem?

Heron: Avaliação, eu acredito que é perceber se aquilo de fato está sendo realmente, é tem realmente ajudado nossos alunos, tem realmente nos ajudado e quanto que a gente aprendeu, quanto ainda precisa e o quanto isso tem ajudado a vida da gente.

Gabriel: Como que você vê a avaliação da aprendizagem no ensino da matemática?

Heron: Se o aluno tem utilizado isso, se ele tem utilizado aquilo que a gente tem feito em sala de aula, aquela metodologia que a gente tem é, demonstrado pra eles, se ele tem conseguido resolver exemplos que a gente coloca em sala de aula pra eles, se tem ajudado em alguma coisa.

Gabriel: Ainda sobre esse aspecto da aprendizagem, da avaliação, como que o senhor relaciona os dois na docência, no ensino de matemática, da disciplina matemática?

Heron: Como que eu relaciono?

Gabriel: É, por exemplo, da aprendizagem e da avaliação no ensinar matemática, como que o senhor lida com esses dois aspectos?

Heron: Bom, essa relação da avaliação e da aprendizagem, ela precisa tá juntas né, não se pode aprender sem avaliar e não se pode avaliar aquilo que não se aprendeu, né. Por isso, que é importante avaliar todos os dias, todas as aulas né, superimportante isso.

Aulas de matemática e metodologias utilizadas pelo professor

Gabriel: Professor, como que você desenvolve suas aulas de matemática, no sentido de metodologia?

Heron: Minhas aulas, ultimamente, ela tem utilizado muito, tenho utilizado muitos livros didáticos. Mas, sempre tentando adaptar à realidade da nossa comunidade, por exemplo, se eu tenho algo que está relacionado à avião, porque não adaptar ela a uma realidade que o aluno conhece, por que muitas vezes nossos alunos não conhece um avião, mas conhece a árvore, uma árvore que tem no quintal dele, então a gente tenta fazer essas adaptações, essas trocas né, trazer algo mais próximo dele, para que ele possa compreender ou as vezes também trocar enunciados, as vezes invés de se utilizar o nome de uma outra pessoa usar o nome de um colega dele, utilizar o próprio nome dele, por que assim facilita a compreensão do aluno.

Gabriel: Quais materiais você usa, materiais didáticos, que você... que são utilizados em suas aulas de matemática?

Heron: A gente tem utilizado além do livro, a gente tem utilizado a tabuada, confeccionada juntamente com eles que a gente usa também pra poder calcular a raiz quadrada essas coisas e também a gente tem se apegado as questões de sementes, de cochas, essas coisas desse tipo.

[...]

Gabriel: A forma como desenvolve a disciplina de matemática está, do seu ponto de vista, convergindo com a educação escolar indígena?

Heron: Acredito que sim, é apesar que uma vez ou outra a gente ter, se pegar em situações, mas acredito que eu tenho ido nessa base da comunidade, da educação escolar indígena.

Gabriel: Ainda nesse sentido, o que você considera adequado para o ensino de matemática na Educação Escolar Indígena? Assim o que adequado a ser trabalhado?

Heron: O que adequado para mim é a cultura do nosso povo, da nossa comunidade em que vivemos, a introdução também do conhecimento ancestral, do nosso povo, trazer mais os anciões para dentro da escola, por que eles são os conhecedores de conhecimentos, é de conhecimentos trazidos de geração a geração e os nossos alunos precisam aprender, é preciso conhecer.

Gabriel: Então, isso é o que você considera, todas essas questões adequadas para a escola indígena.

Heron: Para uma escola indígena.

Gabriel: Para a escola indígena.

[...]

Gabriel: O que você mudaria pensando na disciplina de matemática para atender as especificidades da educação escolar indígena?

Heron: Talvez, na introdução e na valorização mais ainda do que já é valorizado, dos conhecimentos tradicionais do povo, nesse conhecimento que é trazido de geração em geração pelo nosso povo, talvez trabalhar mais ainda, mas também não deixar de lado esses conteúdos que são necessários para a vida do nosso aluno, porque nem sempre os membros da comunidade estão dentro da comunidade, por diversas vezes são necessárias as viagens, e com essas viagens é necessário ter esse conhecimento sobre o que não é nosso que veio de fora, mas que a gente precisa se adequar, precisa se adaptar para poder ter esse diálogo.

Os aspectos considerados pelo professor Heron para avaliar os estudantes

Gabriel: Como você avalia os estudantes a partir de suas aulas?

Heron: Eu avalio bastante a questão do interesse, por que nós temos alunos que ... que não possuem o interesse, não tem o menor interesse em desenvolver é, aquela aula no seu cotidiano de levar algo para si. Então, é a primeira coisa que avalio é o interesse do aluno se ele quer aprender, se ela não quer aprender, a gente consegue identificar em sala de aula aquele aluno que quer e o que não quer.

Gabriel: Quais métodos você utiliza para avaliar, assim como que você é, tem como parâmetro, base pra avaliar?

Heron: Eu avalio muito a questão da participação em sala de aula né, cadernos, se realizou as atividades, se não fez as atividades, é também tem muito a questão da ... da questão qualitativa dos alunos, se tem compromisso com a sala de aula, se tem o compromisso com o dever para casa, se é frequente em sala de aula, se tem toda essa participação de que é necessária para desenvolver um aluno de qualidade.

[...]

Gabriel: [...] quais metodologias você considera ideais para a avaliação da aprendizagem que contempla as especificidades da educação escolar indígena e a disciplina de matemática?

Heron: Eu acredito que o aluno tem que passar por, por algumas provas né, em sala de aula, não uso abusivo de provas, mas acredito que é necessário, que é preciso a gente preparar nossos alunos aí para as diversas provas que tem fora da escola, é por exemplo ENEM, concursos públicos. Então, eu acredito que prova também é necessário. Mas a gente também precisa trabalhar mais o coletivo das nossas aulas, a gente precisa mais ter essa questão do ajudar o colega, de ajudar a nossa comunidade, através de atividades e trabalhos também.

Gabriel: [...], todo esse cenário avaliativo, de aprendizagem você faz meio que individualmente ou está sempre em diálogo com professores de matemática da escola?

Heron: Eu estou sempre conversando com os outros professores também relacionado a disciplina, essa questão de avaliação, como é que meu aluno que foi do ano passado, como é que ele tá se saindo este ano com o colega que tá trabalhando com ele, sempre buscando informações de como ele tá prosseguindo.

Como o professor concebe a avaliação em uma escola indígena

Gabriel: Professor, você considera a forma que você relata avaliar os estudantes adequada à proposta da Educação Escolar Indígena?

Heron: Considero sim, muito, muito adequada, a gente professor, nós professores indígenas, eu acredito que nós temos um olhar mais humano né, se um aluno fala “professor não deu pra fazer por que eu estava doente”, a gente tenta e dá novas oportunidades, damos novas chances para que aquele aluno possa, ele possa acompanhar o ritmo da disciplina.

Gabriel: E como que você concebe a avaliação na escola indígena, como que é feita essa avaliação na escola indígena?

Heron: A gente avalia através de provas também, por que a gente precisa preparar os nossos alunos não somente para a comunidade, mas para o mundo aí fora. E também a gente tenta avaliar a participação dele com a comunidade, se ele tem sido participativo nas manifestações, se ele tem sido participativo ... em retomadas, se tem participação em tudo aquilo que é nosso e do nosso povo.

Gabriel: Professor, o que você entende da proposta dessa escola sobre a avaliação da aprendizagem dos estudantes? Ou seja, a partir do olhar da escola sobre avaliar, o que o senhor entende sobre isso? Sobre o modelo de avaliação da escola indígena?

Heron: Bom, é referente a avaliação do modelo que a escola utiliza, eu entendo que a gente não precisa, não pode avaliar somente aquilo que a gente passa para o aluno, mas também precisamos avaliar como o aluno tem...tem aprendido,

como o aluno tem se esforçado, por que o esforço também, ele precisa ser avaliado na nossa avaliação. O aluno se esforçou, ele precisou fazer alguma coisa, demonstrou que tinha um esforço isso também é avaliado.

Gabriel: Professor, em quais parâmetros você se apoia para falar sobre esses processos de avaliação, com conversas com outros professores, discussões, PPP da escola, formações específicas?

Heron: Eu me apoio bastante na questão de trazer esse conhecimento que é da comunidade pra dentro da escola, é trabalhar mais essa cultura da gente dentro da escola.

Gabriel: E você considera adequada essa forma de avaliação com a proposta para a escola indígena?

Heron: Considero sim, é superimportante que os alunos tenham esse lado cultural na nossa escola.

5.2- Apresentação da entrevista: professor Jeivaldo

Formação e atuação como professor que ensina matemática

Gabriel: Porque você escolheu ou foi escolhido para atuar na disciplina de matemática?

Jeivaldo: Em nossa escola há algumas diferenças, principalmente na escolha dos professores para atuarem em certas disciplinas, eu mesmo sempre gostei de atuar nas disciplinas de ciências e educação física, mas devido a minhas habilidades na área da matemática também gosto de atuar nesta área.

Gabriel: E na condição de professor de matemática, como se sente?

Jeivaldo: Me sinto um bom, ótimo professor de matemática, isso dentro de minhas perspectivas.

Gabriel: Claro.

Lembranças sobre a avaliação na disciplina de matemática na condição de estudante

Gabriel: O que você recorda das avaliações em disciplinas de matemática em sua formação?

Jeivaldo: Eu me lembro claramente que durante minhas formações que as avaliações eram muitas rigorosas, não se podia ter erros mínimos, somente as respostas exatas.

Compreensões sobre a relação entre avaliação e aprendizagem (na disciplina de matemática)

Gabriel: Professor o que você entende por aprendizagem?

Jeivaldo: Eu entendo que a aprendizagem é um processo de aquisição de conhecimentos, tanto práticos ou teóricos, que se desenvolve durante todos os momentos de sua vida, este processo faz com que o indivíduo adquira novas habilidades e aperfeiçoe as que já tinha presente.

Gabriel: Certo, entendo. [...]. E sobre a aprendizagem na disciplina de matemática?

Jeivaldo: A aprendizagem na disciplina da matemática, tenho como conceito que a matemática se encontra presente em nosso dia-dia, por isso essa aprendizagem na área da matemática é muito complexa, encontramos em nosso público uma diversidade de indivíduos com pensamentos já formados, essa construção do saber matemático é muito ímpar, temos conhecimento para cada indivíduo, assim cabe o professor reconhecer o nível de habilidades de cada um e não deixando despercebido os mínimos detalhes nessa aprendizagem. Assim, acho, eu que esta aprendizagem se constrói no dia-dia, na observação, na prática e até mesmo no ensinar.

Gabriel: Quanto a avaliação da aprendizagem, qual seu entendimento?

Jeivaldo: Eu entendo que avaliação da aprendizagem é classificar, criar métodos para diagnosticar nível na aprendizagem, isso tudo tem a função classificatória, assim eu acho que esse termo indica que a avaliação da aprendizagem é uma forma de oprimir a aprendizagem do indivíduo. Esse é o contexto do conceito da aprendizagem no geral, mas em meu contexto é totalmente diferente, não acho que devemos indicar o que o aluno será avaliado por determinadas normas e sim observar a construção do ser como ser humano, ter contato diretamente com suas dificuldades, valorizar e aproveitar suas habilidades para orientação dos demais com sua ajuda, isso sim é uma aprendizagem de verdade, pois não estamos somente ensinando mas também construindo um ser humano rico socialmente e cultural na sociedade.

Aulas de matemática e metodologias utilizadas pelo professor

Gabriel: Professor, como você desenvolve suas aulas de matemática?

Jeivaldo: Em minha metodologia, gosto muito de desenvolver atividades que envolva os alunos, mesmo que sejam conteúdos mais complexos, vejamos exemplos claro como trabalhar geometria, apresentamos tantas artes na aldeia que se encontra presente as figuras geométricas, conceitos de cálculos algébricos. Isso não quer dizer que não utilizo métodos tradicionais, pois meramente temos momentos para estas aulas mais específicas, mais o que tenho mais desenvolvido em minhas aulas é uma metodologia que consistem em autoajuda entre os colegas da turma, também sou aberto aos recursos tecnológicos podendo ser aproveitados nos momentos oportunos.

Gabriel: Quais materiais didáticos você usa em suas aulas?

Jeivaldo: Eu utilizo bastante o livro didático na medida do possível, vídeos de autoajuda de cálculos matemáticos, jogos como baralho, dominó, dama, e jogos culturais e outros criados com adaptações culturais.

[...]

Gabriel: A forma como você desenvolve a disciplina de matemática é do seu ponto de vista convergente com a Educação Escolar Indígena e se considera adequado?

Jeivaldo: Essas aulas são bem adequadas as especificidades da Educação Escolar Indígena, mas ...

Os aspectos considerados pelo professor Jeivaldo para avaliar os estudantes

Gabriel: Como você avalia os estudantes a partir de suas aulas?

Jeivaldo: Eu avalio como participativos, alunos que perguntam, questionam, e mostram interesse durante as aulas da disciplina, claro que há presença de uma pequena porcentagem que isenta de participar das aulas.

Gabriel: Quais métodos você utiliza para avaliar? Como?

Jeivaldo: Eu utilizo uma ficha de registro de desenvolvimento das atividades desenvolvida pelos alunos, contabilizando tanto acertos, tentativas, coletividades, assistência e erros pelas tentativas.

Como o professor concebe a avaliação em uma escola indígena

Gabriel: E sobre a avaliação do ensino da aprendizagem na disciplina da matemática?

Jeivaldo: Esse termo da avaliação da aprendizagem na disciplina da matemática, eu deixo um pouco de lado as normas das escolas não indígena, hoje considerando meu tempo de experiência lecionado na área da matemática

muito importante para definir minhas práticas de avaliação na disciplina de matemática, tenho como forma de avaliar a observação, no individual, no coletivo, nos questionamentos, nas dúvidas, nas dificuldades. Até mesmo porque não defino qual desses itens de avaliação, o valor maior de nenhum deles, para meus critérios de avaliação todos eles são importante então a avaliação de cada indivíduo depende tão somente dele mesmo.

Gabriel: Como você relaciona esses dois aspectos na sua atividade de docência na disciplina de matemática?

Jeivaldo: Levando em conta toda minha experiência nesta área, veja esses aspectos como fonte de construção para melhores desenvolvimentos das minhas atividades durante meu processo de docência, pois hoje não me baseio somente em números, vejamos que o conhecimento da matemática está sendo construído não somente na escola, mas em todo cotidiano do indivíduo.

CAPÍTULO 6: DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último capítulo, trago as discussões sobre a avaliação do ponto de vista dos professores indígenas entrevistados: Heron e Jelevaldo. Também, reflito sobre o que significou para mim este trabalho, o que eu penso sobre avaliação na condição de professor indígena e meus aprendizados no curso da pesquisa. Além disso, apresento uma reflexão que deixo para o curso FIEL, para meus colegas que são professores e futuros professores indígenas, para a escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha sobre a temática avaliação (na disciplina de matemática).

Para o professor Heron, a avaliação da aprendizagem deve acontecer tomando como parâmetro a participação dos estudantes. Essa participação não é apenas nas atividades da escola, mas também na comunidade, como pode ser entendido do trecho da entrevista que retomo abaixo:

Eu avalio bastante a questão do interesse, [...]. Então, é a primeira coisa que avalio é o interesse do aluno se ele quer aprender, se ela não quer aprender, a gente consegue identificar em sala de aula aquele aluno que quer e o que não quer. (HERON, ENTREVISTA, 15-08-2017)

O professor Heron também faz uso de provas, na intenção de preparar o estudante para a vida fora da aldeia:

Eu acredito que o aluno tem que passar por, por algumas provas né, em sala de aula, não uso abusivo de provas, mas acredito que é necessário, que é preciso a gente preparar nossos alunos aí para as diversas provas que tem fora da escola, é por exemplo ENEM, concursos públicos. Então, eu acredito que prova também é necessário. Mas a gente também precisa trabalhar mais o coletivo das nossas aulas, a gente precisa mais ter essa questão do ajudar o colega, de ajudar a nossa comunidade, através de atividades e trabalhos também. (HERON, ENTREVISTA, 15-08-2017)

Ficou evidente que o professor Heron considera a participação dos estudantes como o mais importante no processo de avaliação. Para esse professor, a avaliação requer levar em consideração o esforço do estudante em aprender:

Bom, é referente a avaliação do modelo que a escola utiliza, eu entendo que a gente não precisa, não pode avaliar somente aquilo que a gente passa para o aluno, mas também precisamos avaliar como o aluno tem...tem aprendido, como o aluno tem se esforçado, por que o esforço também, ele precisa ser avaliado na nossa avaliação. O aluno se esforçou, ele precisou fazer alguma coisa, demonstrou que tinha um esforço isso também é avaliado. (HERON, ENTREVISTA, 15-08-2017)

Do meu ponto de vista, o entrevistado se mostrou menos incomodado ao falar da avaliação a partir da participação dos estudantes do que ao falar da utilização da prova. Parece existir uma tensão entre o que esse professor viveu na condição de estudante (na disciplina de matemática) em uma escola não indígena em relação à avaliação e a maneira como ele vislumbra avaliar na escola indígena, para destacar essa tensão me respaldo nos trechos que seguem:

Me recordo de diversas avaliações na verdade né, o professor chegava com aquele tanto de avaliações durante o ano letivo, entregava pra gente, a gente tinha que se virar e estudar bastante em casa pra poder ter um desempenho na disciplina de matemática. (HERON, ENTREVISTA, 15-08-2017)

[...], a gente professor, nós professores indígenas eu acredito que nós temos um olhar mais humano né, se um aluno fala professor não deu pra fazer por que eu estava doente, a gente tenta e dá novas oportunidades, damos novas chances para que aquele aluno possa, ele possa acompanhar o ritmo da disciplina. (HERON, ENTREVISTA, 15-08-2017)

A intenção de preparar o estudante para a vida fora da aldeia e, ao mesmo tempo, manter a tradição de seu povo, parece ser um aspecto que gera maior tensão para esse professor ao falar sobre avaliação, pois isso implica na forma como pensa o ensino de matemática e nos parâmetros adotados para avaliar.

O que é adequado para mim é a cultura do nosso povo, da nossa comunidade em que vivemos, a introdução também do conhecimento ancestral, do nosso povo, trazer mais os anciões para dentro da escola, por que eles são os conhecedores de conhecimentos, é de conhecimentos trazidos de geração a geração e os nossos alunos precisam aprender, é preciso conhecer. (HERON, ENTREVISTA, 15-08-2017)

[...] mas também não deixar de lado esses conteúdos que são necessários para a vida do nosso aluno, porque nem sempre os membros da comunidade estão dentro da comunidade, por diversas vezes são necessárias as viagens, e com essas viagens é necessário ter esse conhecimento sobre o que não é nosso que veio de fora, mas que a gente precisa se adequar, precisa se adaptar para poder ter esse diálogo. (HERON, ENTREVISTA, 15-08-2017)

Para o professor Jelevaldo, a prática de avaliação da aprendizagem tem objetivos classificatórios, que segundo ele ainda é uma forma de oprimir a aprendizagem do indivíduo. Esse professor se opõe a forma tradicional de avaliação. Nesse sentido, ele mostra um desconforto em pensar em como avaliar da aprendizagem:

Eu entendo que avaliação de aprendizagem é, classificar, criar métodos para diagnosticar nível na aprendizagem, isso tudo tem a função classificatória, assim eu acho que esse termo indica que a avaliação de aprendizagem é uma forma de oprimir a aprendizagem do indivíduo.

Esse é o contexto do conceito da aprendizagem no geral, mas em meu contexto é totalmente diferente, não acho que devemos indicar o que o aluno será avaliado por determinadas normas e sim observar a construção do ser como ser humano, ter contato diretamente com suas dificuldades, valorizar e aproveitar suas habilidades para orientação dos demais com sua ajuda, isso sim é uma aprendizagem de verdade, pois não estamos somente ensinando mas também construindo um ser humano rico socialmente e cultural na sociedade. (JELEVALDO, ENTREVISTA, 18-09-2017)

Sobre a avaliação da aprendizagem no ensino de matemática, o professor Jelevado traz uma fala interessante, retomada abaixo, que na minha compreensão marca a singularidade da forma que avalia seus alunos, ele reconhece que deixa um pouco de lado as normas das escolas não indígenas. Importa-me destacar essa fala, pois esclarece que o modelo de avaliação vindo da escola não indígena não atende em diversos aspectos à Educação Escolar Indígena, convergindo com a discussão de Brighenti (2017).

Baseando na experiência adquirida no ensino de matemática, o professor Jelevado tem pautado sua avaliação nos contextos de observação, do individual ou coletivo, e da participação:

Esse termo da avaliação da aprendizagem na disciplina da matemática, eu deixo um pouco de lado as normas das escolas não indígena, hoje considerando meu tempo de experiência lecionado na área da matemática muito importante para definir minhas práticas de avaliação na disciplina de matemática, tenho como forma de avaliar a observação, no individual, no coletivo, nos questionamentos, nas dúvidas, nas dificuldades, até mesmo porque não defino qual desses itens de avaliação o valor maior de nenhum deles, para meus critérios de avaliação todos eles são importante [...]. (JELEVALDO, ENTREVISTA, 18-09-2017)

O professor também apresenta críticas sobre a maneira que era avaliado na disciplina de matemática na sua formação em uma escola não indígena:

Eu me lembro claramente que durante minhas formações que as avaliações eram muitas rigorosas, não se podia ter erros mínimos, somente as respostas exatas. (JELEVALDO, ENTREVISTA, 18-09-2017)

Percebo nas falas dos entrevistados que a avaliação da aprendizagem proposta pelo sistema de educação municipal é externa à escola indígena, o conceito de avaliar para esses professores indígenas trazem indícios de práticas diferentes, orientada a partir da participação, do interesse, do esforço, do comprometimento do aluno nas atividades da comunidade. Percebo ainda que, nesse sentido, avaliar o aprendizado na disciplina de matemática é, então, um desafio

para o professor indígena, pois ele tem que lidar com duas situações: preparar para o externo da aldeia e valorizar a participação na escola e na aldeia.

Posso concluir que avaliar na escola indígena é complexo e esses dois professores apresentam formas singulares de avaliar que consideram mais pertinentes à proposta de uma escola indígena. Embora, eles utilizem alguns aspectos da avaliação da aprendizagem proposta pelo sistema, tentam encontrar possibilidades que escapam as regras para melhor adaptar a avaliação ao que perspectivam para a Educação Escolar Indígena. A avaliação da aprendizagem se apresenta, portanto, como uma tensão à atuação desses professores indígenas que ensinam matemática. Esse movimento traz um desconforto aos professores, que tem que avaliar visando valorizar os conhecimentos culturais e preparar os estudantes para o externo.

Ao analisar os dados das entrevistas, pude identificar desconfortos que os professores têm no processo de avaliação da aprendizagem. Sobre o desconforto, acredito que não é apenas dos professores, está presente na Proposta Curricular da escola, quando fica explícito que a escola ainda não tem um modelo próprio de avaliação, mas que se preocupa em não praticar uma avaliação excludente. Ao mesmo tempo, a escola não deixa de avaliar como no modelo tradicional, justificando-se no objeto de preparar o aluno para as vivências e necessidades fora da aldeia, pois na aldeia a avaliação tem outro sentido, que é pautada na participação das atividades da escola e da comunidade.

As influências externas à escola trazem demandas específicas para a escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, dentre essas influências: modelo de avaliação tradicional (não indígena), aldeia urbana, sistema municipal de ensino, entre outras. Essas influências de alguma maneira interferem no olhar do professor sobre como avaliar, o que avaliar e para que avaliar. Atrelado a isso, em relação ao tema em debate, considera-se a maneira como os professores concebem a avaliação.

Na análise realizada, considero que os professores entrevistados, diante da não acomodação da influência de modelos externos à cultura indígena, ao enfrentarem as formas de avaliar validadas pela escola não indígena, nas suas atuações como professores indígenas, desenvolvem formas singulares e híbridas de avaliar a aprendizagem de seus estudantes na disciplina de matemática, na escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha.

O processo de avaliação da aprendizagem é em geral um assunto complexo e esse trabalho tem uma importância imensa para mim na condição de professor, pois pude

compreender melhor esse processo e identificar os desconfortos vivenciados por nós nas práticas avaliativas.

Efetivamente, pensar a avaliação da aprendizagem implica em questionar e refletir não apenas as práticas avaliativas dos professores, mas também questionar a formação de professores. Se avaliar é complexo, devemos pensar em não simplesmente adotar um método já determinado pelas escolas, que apenas, em meu entendimento, cumpri uma regra. Percebo, então, que talvez, o professor esteja repetindo uma prática que ainda prevalece na formação de professores. Digo isso, pois, na condição de graduando no curso FIEI, em muitos casos, não sei como sou avaliado.

Ao finalizar esse trabalho, retomo aos questionamentos que faço sobre como sou avaliado na condição de estudante no FIEI, penso que talvez seja contraditório definir um modelo de avaliação em um contexto com a presença de múltiplas culturas. Mas, estamos submetidos ao modelo de avaliação institucional. Cabe a mim, então, evidenciar esse tensionamento. Tenho minhas hipóteses, acerca da participação, da escrita, da oralidade, mas não posso afirmar sempre quais são os critérios que os professores usam, uma vez que percebo que têm alunos que perpassam por essas práticas acima referidas e outros que tem a participação de outras maneiras. Em outras palavras, o que quero dizer é que somos diferentes e com participações diferentes, então: como somos avaliados? quais critérios são considerados? por que não discutimos a avaliação da aprendizagem? será a avaliação é um eixo separado do ensino? e os meus colegas professores indígenas, em suas escolas, será que seus alunos sabem como vocês os avaliam? o que diz uma nota atribuída ao seu aluno?

Aos meus professores, aos colegas do curso FIEI e à escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, inicialmente, gostaria de agradecer a todos. E sobre a avaliação da aprendizagem na disciplina de matemática, gostaria de dizer que o professor a priori tem que conhecer os sujeitos que serão avaliados, buscar compreender que cada um já traz uma bagagem de conhecimentos matemáticos específicos e de acordo suas necessidades de usos desses conhecimentos em seus cotidianos.

Cabe ao professor enfrentar o desafio de não seguir o que parece evidente e correto, mas de se questionar sobre como avaliar cada sujeito, uma vez que esses são diferentes e não podem de forma alguma serem avaliados como apenas um instrumento que mede um padrão. Considero importante o diálogo constante com os estudantes, é preciso informá-los como eles são avaliados, assim muitos desconfortos poderão ser evitados.

Conversar com outros professores sobre avaliação também é um exercício importante, considerando que não é uma etapa distinta do ensino, é fundamental que ao longo desses processos que ambos se relacionem, ensino-aprendizagem e avaliação, o professor também realize a autoavaliação, pois é importante saber onde precisamos melhorar ou redirecionar o planejamento, pensando sempre que todos ganham, assim será promovida uma avaliação que não seja excludente.

Para finalizar, convido meus colegas da escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha para criamos um espaço de diálogo sobre a temática avaliação. Talvez, dessa forma, podemos contribuir para melhor se pensar essa temática nos cursos de formação de educadores indígenas. Também, convido os meus colegas de curso para refletir sobre o tema em suas escolas, considerando as peculiaridades de seus contextos.

REFERÊNCIAS

BRIGHENTI, Clovis Antonio. Entre o universal e os específicos na construção da educação escolar indígena. **Educ. Públ.** Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 391-403, maio/ago. 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405p.

GATTI, Bernadete A. O professor e a avaliação em sala de aula. Estudos em Avaliação Educacional, n. 27, jan-jun/2003.

LOPES, Celi Espasandin; MUNIZ, Maria Inês Sparrapan. **O processo de Avaliação nas aulas de Matemática**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

PAVANELLO, Regina Maria; NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius. Avaliação em Matemática: algumas considerações. Estudos em Avaliação Educacional, v. 17, n. 33, jan./abr. 2006.

Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, 2013.

Proposta Curricular da escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, 2013.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Maria Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

MUNIZ, Maria Inês Sparrapan; SANTINHO, Mirian Sapieri. Focalizando o processo de avaliação na formação contínua de professores de matemática. In: Lopes, Celi Espasandin; Muniz, Maria Inês Sparrapan. **O processo de Avaliação nas aulas de Matemática**. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 41-67.

APÊNDICE 1: ROTEIRO QUE ORIENTOU AS ENTREVISTAS

- 1- Origem do professor: Indígena ou não? Qual etnia? Qual aldeia?
- 2- Idade?
- 3- Formação básica: escola indígena ou não indígena?
- 4- Formação acadêmica: curso e instituição? graduação e pós-graduação?
- 5- Quanto tempo de formado?
- 6- Relate sobre suas experiências na docência: atuou em quais níveis, escola indígena ou não indígena, em quais disciplinas?
- 7- Relate sobre sua formação em relação à matemática: como essa foi abordada na educação básica, na graduação ou pós-graduação?
- 8- Por que você não escolheu a formação específica em licenciatura em matemática? Você faria essa opção?
- 9- Por que você escolheu ou foi escolhido para atuar na disciplina de matemática?
- 10- Como você se sente na condição de professor de matemática?
- 11- O que você recorda das avaliações em disciplinas de matemática em sua formação?
- 12- O que você entende por aprendizagem?
- 13- E sobre aprendizagem na disciplina de matemática?
- 14- O que você entende por avaliação da aprendizagem?
- 15- E sobre avaliação da aprendizagem na disciplina de matemática?
- 16- Como você relaciona esses dois aspectos na sua atividade de docência na disciplina de matemática?
- 17- Como você desenvolve suas aulas de matemática (metodologia)?
- 18- Quais materiais didáticos são utilizados em suas aulas?
- 19- Como você avalia os estudantes a partir de suas aulas?
- 20- Quais métodos você utiliza para avaliar? Como?
- 21- A forma como desenvolve a disciplina de matemática é do seu ponto de vista convergente para a educação indígena? O que você considera adequado?
- 22- Você desenvolve avaliação diferenciada para estudantes que apresentam algum tipo de necessidade especial?
- 23- Você considera a forma como você relata avaliar os estudantes adequada à proposta para a escola indígena?
- 24- Como você concebe a avaliação na escola indígena?
- 25- O que você entende da proposta desta escola sobre a avaliação da aprendizagem dos estudantes?
- 26- Baseado em quais parâmetros você se apoia para falar? Conversas, discussões, PPP, ...
- 27- Você considera adequado essa forma avaliativa com a proposta para a escola indígena?
- 28- O que você mudaria pensando na disciplina de matemática para atender as especificidades da educação indígena?
- 29- Quais metodologias você considera ideal para a avaliação da aprendizagem que contemple as especificidades da educação escolar indígena e a disciplina de matemática?